

As Belas Letras na Livraria de Jean Baptiste Bompard (1824-1828)

The Works of *Belles Lettres* in Jean Baptiste Bompard's Bookshop (1824-1828)

Lucia Maria Bastos P. NEVES*

Resumo: O presente artigo pretende analisar as obras de Belas Letras encontradas na livraria de Jean-Baptiste Bompard no Rio de Janeiro. De origem francesa, esse livreiro chegou à Corte em 1816 como caixeiro para a loja de seu primo, o destacado livreiro Paulo Martin. Após a morte deste último, em finais de 1823, Bompard assumiu a livraria, conservando-a até sua partida para a França em 1828. No momento, priorizam-se os livros franceses vendidos, bem como aqueles traduzidos para o português. Além do catálogo manuscrito do próprio Bompard com mais de quatro mil títulos (1825), utilizam-se como fontes os anúncios dos periódicos da época. Afinal, considerada então a própria língua como instrumento de civilização, o francês envolvia – ainda que, quase sempre, pertencente às elites intelectuais e políticas – considerável público leitor, inclusive feminino, em especial no tocante às novelas, majoritariamente oriundas da literatura francesa. Dessa maneira, busca-se ressaltar o papel de intermediários culturais entre Brasil e França daqueles que “tratavam em livros”, estimulando encontros e desencontros nas duas sociedades.

Palavras-chave: Belas Letras; Comércio de Livros; Brasil-Portugal: relações culturais.

Abstract: This paper intends to analyze the books included in the category of *belles lettres* available at Jean-Baptiste Bompard's bookshop in Rio de Janeiro. Of French origin, he arrived at the city in 1816, to serve as a clerk at the well-known bookshop of his cousin Paulo Martin. After the latter's death by the end of 1823, Bompard took over the business, which he sold before departing back to France in 1828. On this occasion, one highlights the French books that were sold, as well as those translated into Portuguese. As sources, one employs Bompard's own manuscript catalog with over four thousand titles (1825) and sales advertisements in the press. In fact, considered at the time as an instrument of civilization, French language involved then a large reading public, although mostly drawn from the intellectual and political elites, including the women, who loved the novellas in the French taste. Therefore, one endeavors to heighten the role those who “dealt in books” played as cultural intermediaries between Brazil and France, promoting understanding as well as misunderstanding in both societies.

Keywords: *Belles Lettres*; Booktrade; Brazil-Portugal: cultural relationship.

* Professora Titular de História Moderna da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Procientista UERJ. Pesquisadora do CNPq e da FAPERJ.

No final do século XVIII, a cidade de Briançon, fortaleza remodelada por Vauban (1633-1707) a serviço de Luís XIV, destacava-se entre pequenas aldeias próximas, todas cercadas de picos, formando um vale que acompanhava a antiga rota da Itália. Tais aldeias, como La Grave, Le Monétier-les-Bains, Le Bez, La Salle-les-Alpes, compostas de casas simples com telhados íngremes e aposentos inferiores para guardar os animais no inverno, de forno comunitário para fazer o pão¹ e de velhas igrejas de madeiras frias e pobres, como há mais de duzentos anos, constituem importantes elementos para aqueles que procuram estudar o comércio livreiro no mundo luso-brasileiro entre o final do século XVIII e o início do Oitocentos.

Durante aquele período, de um lado, a geografia tornava a região militarmente estratégica, mas também ponto de passagem obrigatório para os mascates que uniam a Itália, a França e a Suíça; de outro, empurrava qualquer excesso populacional para fora daquele ambiente inóspito, à procura de condições mais favoráveis. Foi o caso dos Martin e Bompard, mas também dos Borel, Reycend, Bertrand, Rolland, Aillaud, Faure, Rey, Gravier, Bonnardel. Tais famílias se fixaram em Nápoles, Milão, Gênova, Paris, Barcelona, Lisboa, e algumas chegaram até mesmo ao Rio de Janeiro.

Conservando os laços de origem e casando-se entre si, tais famílias criaram redes de relação e de informação indispensáveis para o exercício do comércio naquela época de comunicações difíceis. Em especial, tornaram-se livreiros. Talvez por uma “solidariedade montanhesa”, na expressão de Georges Bonnant (1960), foram buscando seus conterrâneos para se agruparem no negócio da livraria, associando-se em “densas redes de relações comerciais” e formando uma espécie de grande família, como bem mostrou o estudo sobre livreiros do Setecentos em Portugal, de Diogo Ramada Curto e Manuela Domingos (2007, p. 163-164). Os documentos sobre registros de nascimento, casamento e morte também indicam tal solidariedade, uma vez que, regra geral, aqueles que assinavam como testemunhas desses atos já laicizados, em uma França após a Revolução de 1789, eram sempre os conhecidos livreiros que se uniam entre si.

Vários *briançonnais* fixaram-se em Portugal, mas aqui o olhar volta-se para a família Martin e, mais especificamente, para este *briançonnais* que veio para o Brasil, Jean-Baptiste Bompard, em 1818, como caixeiro para a loja de seu primo Paulo Martin. Após a morte deste último em finais de 1823, Bompard assumiu a livraria, conservando-a até seu retorno definitivo à França em 1828. Neste trabalho, objetiva-se, assim, analisar as obras de Belas Letras encontradas na livraria de Jean-Baptiste Bompard no Rio de Janeiro, priorizando-se os livros franceses vendidos bem como aqueles traduzidos para o português. Além do catálogo manuscrito do próprio Bompard com mais de quatro mil títulos (1825), utilizam-se como fontes os anúncios dos periódicos da época. Considerada então a própria língua como instrumento de civilização, o francês envolvia, ainda que quase sempre as elites intelectuais e políticas, também considerável público leitor, inclusive feminino. Verifica-se, pois, que livros e livreiros podem constituir caminhos diversificados da pesquisa histórica, tanto

para abordar práticas culturais e políticas nos primeiros decênios do oitocentos quanto demonstrar o papel de “intermediários culturais” (CHARTIER; MARTIN, 1990, p. 777) entre Brasil e França daqueles que “tratavam em livros”, estimulando encontros e desencontros entre as duas sociedades (SILVA, 1922, p. 232).

Comércio de livros no Rio de Janeiro – Paulo Martin Filho

Em 1795, o livreiro francês estabelecido em Lisboa João Reycend solicitava aos órgãos de censura permissão para enviar obras ao Rio de Janeiro, especialmente a coleção completa do jornal *Mercúrio Histórico*, várias comédias, tragédias, entremezes e papéis modernamente impressos em Lisboa.² Na mesma época, correspondências, entre a Casa de Francisco Rolland e comerciantes de grosso trato da praça do Rio de Janeiro, demonstravam que eram os livros de religião os que mais se vendiam – missais, breviários e horas latinas – embora ‘livros fora do comum’ fossem ainda atrativos, apontando novos interesses presentes na sociedade brasileira.³

Já no início do Oitocentos, os diversos anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro* indicavam a venda em ‘lojas de livros’, em ‘loja do livreiro’ ou ‘loja de mercador de livros’.⁴ Estes últimos eram os livreiros propriamente ditos, que se dedicavam quase exclusivamente ao comércio de obras. Era ainda comum que tais livreiros vendessem outros produtos, embora relacionados a sua atividade. Assim, encontram-se anúncios sobre a venda de papel de solfa, pergaminhos para escrever, tinta, livros pautados, apropriados para a escrituração portuguesa ou inglesa, cartas de jogar estrangeiras, estampas e desenhos. Com tantos meios para realizar a venda de livros, pode-se afirmar, sem dúvida, que este era um comércio lucrativo, apesar da visão corrente na historiografia de que não havia espaço para o mercado de livros no Rio de Janeiro.⁵

Entre 1808 e 1828, diversos eram, portanto, aqueles que *tratavam em livros*. Tomando-se como exemplo os livreiros especializados, é possível fazer uma tipologia por sua origem: havia aqueles de descendência francesa, os originários de Portugal e aqueles nascidos na América portuguesa. Muitas vezes, as duas primeiras referências se entrelaçavam, como foi o caso de Paulo Martin.

Segundo registros paroquiais e informação de historiadores, a família Martin, oriunda de Briançon, já se estabelecera em Lisboa com loja de livros desde 1777, sendo que Paul Martin pai havia se associado, anteriormente, a outro livreiro briançonês – os irmãos Borel –, comprovando a solidariedade entre as famílias aliadas, depois de gerações. Provas dessas relações também podem ser indicadas anteriormente, uma vez que seu pai, Alexandre Martin, casou-se em 1750, em La Salle, com Catherine Bompard. Anos depois, em 1775, Paul Martin pai contraiu matrimônio com a viúva de Borel, Maria Madalena Bompard (LA SALLE, 1745), tendo como testemunhas a mãe do

livreiro e outro descendente da família Bompard. Em 1786, Paul Martin pai retornou à sua região natal para batizar uma das filhas de Hyacinthe Borel, que mais tarde se casou com o irmão mais velho de Jean-Baptiste Bompard, demonstrando que as relações familiares continuavam a ser mantidas.⁶

Da união de Paul Martin pai e de Maria Madalena Bompard nasceram 5 filhos, um deles, Paulo Martin Filho, que veio para o Rio de Janeiro a fim de atuar como caixeiro na casa de outro livreiro, João Roberto Bourgeois. Mais tarde tornou-se, entretanto, um dos livreiros mais importantes da cidade. Obtendo passaporte em outubro de 1799, Paulo Agostinho Martin chegou aqui provavelmente no início de 1800, com a idade de 20 anos.⁷ Não foi possível identificar o momento em que Paulo Martin iniciou suas atividades pessoais enquanto livreiro no Rio de Janeiro, mas a *Gazeta*, desde seu primeiro número, trazia a indicação de que aquisições e assinaturas podiam ser feitas ‘em casa de Paulo Martin Filho, mercador de livros na rua da Quitanda’. Em 1811, o *Almanaque* da cidade confirmou sua situação de distribuidor oficial da *Gazeta* na lista de administradores e empregados. Ainda, por meio das licenças para enviar livros para o Rio de Janeiro, expedidas pela Real Mesa Censória em Portugal, pode-se afirmar que ele vendeu, por conta de seu pai, várias obras.

Em contrapartida, a circulação não era uma via de mão única. Encontra-se um catálogo que saiu à luz em Lisboa, em 1812, com obras impressas no Rio de Janeiro e que se achavam à venda na Loja de Paulo Martin e Filhos, nº 6, defronte do Chafariz do Loreto. Totalizavam 43 as obras, publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, em que se destacavam livros técnico-científicos, especialmente traduções de livros de matemática e geometria, impressos para a utilização na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, além de memórias científicas sobre agricultura. Seguiam-se aqueles voltados para Belas Letras, como os *Ensaio*s de Alexandre Pope ou o poema *Uruguai*, de José Basílio da Gama; Economia e Artes, com os diversos trabalhos de José da Silva Lisboa sobre o franco comércio, Legislação e temas variados, como *Almanack da Cidade do Rio de Janeiro*, mapas, entre outros.⁸

O *Jornal de Coimbra*, editado entre 1812-1820, anunciava também, em inícios de 1814, livros “que chegaram ultimamente do Rio de Janeiro” a Paulo Martin e Filhos. Tais obras foram aqui impressas e passavam a ser vendidas em Lisboa. A listagem possuía 19 títulos, sendo dez voltados para Belas Letras, como o periódico *O Patriota* e algumas peças relacionadas à vitória dos portugueses sobre as tropas napoleônicas, por exemplo, *O Patriotismo Acadêmico*, por Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, que narrava os feitos do Corpo Militar Acadêmico de Coimbra nas invasões francesas e um elogio às nações de Portugal, Espanha e Inglaterra em sua união para a derrota dos franceses. Os demais eram elogios fúnebres. Os outros nove apresentavam temática voltada para as Ciências – tratados de álgebra e geometria, tratados de cálculo diferencial e de

física, utilizados, sobretudo, no ensino das Academias Militares. Curioso é que tais livros eram traduções de autores franceses, como Silvestre François Lacroix e o Abbade Hauy, realizadas por luso-brasileiros.⁹ Tornava-se, portanto, comum nesse mundo de negócios de livros a consolidação de ligações familiares exploradas pelos interessados, em diversos pontos da América, constituindo-se verdadeiras “redes financeiras”.

A atividade de Paulo Martin como editor também ficou registrada nas solicitações ao Desembargo do Paço para imprimir a *Notícia histórica da vida e das obras de José Hayden*, em 1819, indicando de certo modo os interesses musicais presentes nos círculos ligados à Corte. Rubens Borba de Moraes afirma ainda que, provavelmente, foi ele o primeiro editor do Brasil. Sem dúvida, muitos romances, novelas, orações fúnebres e poemas produzidos na Impressão Régia - como, por exemplo, *O Diabo Coxo* (1707), de Lesage, considerada a primeira novela impressa no Brasil - foram editados por este livreiro.¹⁰ Em troca de suas contribuições à Coroa e por sua atuação no mercado livreiro, Paulo Martin obteve a mercê do Hábito da Ordem de Cristo, em 1817.¹¹

Apesar de ser um livreiro importante no Rio de Janeiro e estar inserido em outras atividades de negócio e, ainda, políticas¹², Paulo Martin era sócio da Companhia de Seguros Providence e, depois, da Tranquilidade. Na vida política, foi eleito compromissário da freguesia de Santa Rita no Rio de Janeiro, em 1821 – segundo seus familiares, no final de 1815 desejou retornar a Portugal. Nenhum de seus irmãos, como João José e Inácio Augusto, que já haviam vindo ao Rio de Janeiro, aceitou manter sua loja. A família decidiu, então, procurar outro parente para continuar os negócios do Rio de Janeiro. Àquela altura, Paul Martin (pai) já havia falecido. A solução encontrada foi a escolha de um primo direto dos Irmãos Martin, sobrinho de Maria Madalena Bompard. Era este o já citado Jean-Baptiste Bompard.

Um livreiro francês na Corte do Brasil

Quando foi decidida a vinda de Jean-Baptiste Bompard para o Rio de Janeiro, ele contava menos de 20 anos, pois nascera em Briançon em 1797. Seu pai era comerciante e fora membro do Conselho dos Notáveis da República francesa em Briançon (1793 a 1795). Jean-Baptiste foi enviado para estudar em Turim, Itália, região onde se encontravam outras pessoas oriundas de sua cidade, também livreiros, como os Gravier, família que há muito mantinha relação estreita com os Bompard. Turim, entretanto, fora ocupada por Napoleão Bonaparte. Assim, em 1813 o pai de Jean-Baptiste tomou a decisão de retirá-lo do colégio da Academia de Turim, administrado sob a autoridade imperial, para evitar que ele se engajasse no exército napoleônico que então recrutava jovens estudantes. Era uma atitude semelhante ao que muitas vezes ocorreu na América portuguesa,

documentado pelas queixas de Vilhena e Inácio de Alvarenga, que reclamavam dos recrutamentos forçados dos jovens estudantes que frequentavam as aulas régias.¹³

Retornando a Briançon (1813), passados alguns anos Jean Baptiste aceitou a proposta e partiu, primeiro para Lisboa, onde permaneceu por algum tempo para conhecer os negócios livreiros e preparar sua vinda para o Rio de Janeiro. Por que, tão jovem, teria ele decidido realizar tal aventura? Em primeiro lugar, seguindo uma tradição das famílias da região, procurava uma atividade fora de sua terra natal, que não oferecia grandes possibilidades para satisfazer a ambição de seus jovens habitantes; segundo, em razão da solidariedade de suas relações familiares, o que lhe podia trazer uma formação para começar sua vida nos negócios como também uma ajuda financeira. Por fim, deve-se destacar ainda que a queda de Napoleão Bonaparte, em agosto de 1815, levou ao cerco da cidade de Briançon por tropas austro-sardas. A assembleia municipal decidiu defender a cidade, colocando-se sob as ordens do general Eberlé, um barão do Império Napoleônico. Jean-Baptiste Bompard e seu irmão mais velho estavam entre os voluntários que aderiram ao “batalhão da esperança” e defenderam a cidade com sucesso, impedindo que as tropas inimigas entrassem em Briançon. Talvez sua participação, contrária às forças de Restauração, o tenha levado a sair de sua terra natal. Não há, contudo, documentação, que permita uma afirmação precisa. Muitos anos mais tarde, em 1857, Napoleão III resolveu honrar todos aqueles que ainda estavam vivos e haviam servido sob o comando imperial, criando a ordem de Santa Helena. Naquela ocasião, já de volta à França, Jean-Baptiste Bompard foi, então, agraciado com esta comenda.

Bompard foi autorizado a realizar viagem de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 30 de julho de 1818, «completamente legitimado pela Polícia», conforme consta de seu passaporte, encontrado no Arquivo Histórico Ultramarino. Chegou ao Rio de Janeiro em dezembro de 1818, segundo o Registro de Estrangeiros da Intendência de Polícia:

JOÃO BATISTA BOMPARD - Residente à Rua da Quitanda, n.34, natural de Briançon, 21 anos, solteiro, veio de Lisboa em dezembro de 1818, com o destino de ser caixeiro em casa de Paulo Martin Filho.¹⁴

Seus primeiros anos na então capital do Império português foram passados como assistente e caixeiro na loja de Paulo Martin, seu primo, até o momento da morte deste. Segundo notas escritas por um dos netos de Bompard, Paulo Martin confirmou-o como seu “herdeiro”, dado que ainda merece uma investigação, pois apesar da “solidariedade montanhesa e familiar” não é possível crer que os Irmãos Martin de Lisboa aceitaram essa sucessão sem qualquer venda para Bompard de parte da livraria.

De qualquer forma, Jean-Baptiste prosseguiu com sucesso a atividade comercial da Loja de livraria, cartografia e publicação de Paulo Martin. Segundo Hallewell, ele se tornou o “principal livreiro da Corte” entre 1824, quando assumiu a livraria, e 1827, data em que se desfez dos negócios, e retornou à França no ano seguinte. (HALLEWELL, 1985, p. 48; MACHADO, 2012, p. 46)

Tal atividade pode ser analisada pelos anúncios em jornais – *Diário do Rio de Janeiro* e o *Spectador Brasileiro* – como pelo Catálogo manuscrito, existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro da livraria de Bompard, datado de 1825.

Com os ensinamentos obtidos de Paulo Martin, Bompard deu prosseguimento às atividades de livreiro e ainda vendia livros usados, como o também impressor e editor Pierre Plancher¹⁵, fato curioso, pois, segundo Machado, tais vendas eram comumente realizadas de particular para particular. Em agosto de 1825, Bompard anunciava dispor de “uma grande quantidade de livros velhos e manuscritos”, vendidos por “preços cômodos”. Em outro anúncio, informava que possuía uma “grande porção de livros Espanhóis meio usados”, entre aos quais “a mui rara obra de Feijoo”.¹⁶ Ainda negociava folhinhas de algibeira, mapas, artigos de papelaria, moedas estrangeiras, bilhetes de loteria de livros e alguns objetos raros, como um “estojo de cirurgia mui asseado”.¹⁷

Ainda nesses anúncios, pode-se verificar a ligação de seus negócios com a França. Muitas vezes, ficava registrado nas propagandas de venda que “na loja de livros de Bompard, rua dos Pescadores nº 49, lhe têm chegado ultimamente de França” diversas obras.¹⁸ Nesse caso, verifica-se que a ligação comercial de Bompard com a França era mais intensa que a de Paulo Martin, uma vez que a maior parte dos documentos, em relação à chegada de livros para a livraria deste último, indicava serem estes oriundos de Portugal. Bompard também recebia encomendas de Lisboa, pois os Irmãos Martins continuavam a abastecer de obras sua livraria.¹⁹

Em relação aos anúncios de vendas de livros nos jornais, o primeiro deles veio à luz no *Spectador Brasileiro*, periódico publicado entre 1824 e 1827, em uma conjuntura convulsa que se seguiu à Independência. Com papel destacado por suas posições favoráveis ao governo de Pedro I, após a outorga da Constituição de 1824, foi este o primeiro periódico editado pelo francês Pierre René François Plancher de la Noé, que que desembarcou no Rio de Janeiro em 1824, vindo de Paris. Fugia das lutas políticas na França na época da Restauração, quando teve vários problemas para comercializar, além de enfrentar questões com a justiça francesa em virtude de sua conhecida posição política a favor de Napoleão Bonaparte (MOREL, 2005, p. 23-25). Tal fato pode sugerir a preocupação de Bompard de manter relações com livreiros franceses e, desse modo, uma ligação com sua terra natal. Tal aproximação fez-se em muitas direções: Bompard vendia em sua loja bilhetes da loteria de livros de Plancher²⁰; subscrições de livros a serem impressos na Tipografia de Plancher, bem como o próprio jornal *O Spectador Brasileiro*.²¹ Entre essas subscrições pode-se

destacar a tradução da obra *l'Empire du Brésil*, redigida em Paris por La Beaumelle. A tradução seria corrigida e aumentada na Corte pelo padre Luís Gonçalves dos Santos, que fora cronista do Reino. Para efetuar tal trabalho e ajudar nas despesas de impressão, que deveria ser feita na Tipografia de Plancher, o tradutor pedia a contribuição de 1\$600 réis, à guisa de subscrição da obra.²²

No *Diário do Rio de Janeiro*, Bompard, em um de seus primeiros anúncios, datado de dezembro de 1824, informava a venda de duas obras de Belas Letras: *Amanda e Oscar, ou Historia da Família de Dunreath*, um romance datado de 1796 de uma escritora inglesa bastante conhecida naquela época, Regina Roche. Tal romance foi considerado por José de Alencar um de seus modelos ficcionais, como também *Saint-Clair das Ilhas* (ALENCAR, 1987, p. 23). A outra era a *Epistola de Manoel Mendes Fogaça dirigida de Lisboa a um amigo de sua terra, em que lhe refere como de repente se fez poeta e lhe conta as proezas de um rafeiro*, escrita por José Agostinho de Macedo e publicada em Lisboa em 1822. Era uma poesia de tom satírico aos acontecimentos políticos daquela época.²³

Muitos outros títulos vinham a público na informação dos jornais. Tratava-se de obras de belas letras, folhetos políticos, obras de cunho sebastianista, obras científicas e até uma *Corografia Açoriana, ou Descrição Física, Política e Histórica dos Açores*, que veio à luz em 1822, de autoria de João Soares de Albergaria de Sousa. Este livro, bastante criticado na época em que foi publicado – principalmente pela Academia Real de Ciências em Lisboa, em virtude de suas inexatidões –, em verdade era mais um panfleto político, dedicado e oferecido à mocidade açoriana, do que um compêndio de história ou geografia. Transformou-se em uma bandeira de oposição de jovens açoreanos em relação à discussão do novo governo do arquipélago, quando das Cortes de Lisboa REIS, 1983).

Ainda em relação aos anúncios de periódicos, sobretudo aqueles publicados no *Diário do Rio de Janeiro*, destacavam-se na categoria de Belas Letras²⁴ inúmeras novelas.²⁵ A leitura de novelas, contos e romances não era uma novidade para os habitantes do Império do Brasil. Foi, no entanto, com a vinda da Família Real portuguesa e a criação da Imprensa Régia – por decreto real, em 13 de maio de 1808, quando se inaugurou um novo momento histórico e cultural no país – que a circulação dessa literatura de ficção se ampliou. Os livreiros procuravam oferecer ao público em geral, por meio de diferentes estratégias, títulos diversos, entre outros, novelas e romances que, segundo Rubens Borba de Moraes, se tornavam usuais em Portugal no início do século XIX, e, com a vinda da Corte, “a moda de ler romances pegou na nova capital”.²⁶ No entanto, pode-se afirmar que a leitura desse tipo de literatura teve início ainda no século XVIII. Mesmo antes da introdução da tipografia, tais escritos circularam pelo Rio de Janeiro bem como pela Bahia, por Maranhão,

Pernambuco e Pará, como atestam os vários requerimentos de livreiros portugueses, enviados à Real Mesa Censória solicitando licença para despachar volumes destinados a estas localidades.²⁷

Em sua livraria, Bompard vendia novelas em português, traduzidas do francês, e outras na própria língua francesa. Por exemplo, *Os erros do amor e da filosofia ou o homem de duas mulheres*, traduzida do original em francês – *Les erreus de l’amour et de la philosophie ou l’homme a deux femmes* –, em 1801. Nesse mesmo anúncio Bompard informava que em sua livraria havia “muitas novelas francesas, além das portuguesas e algumas espanholas”.²⁸ Outros títulos conhecidos eram indicados: *Maclovia e Frederico, ou as minas do Tirol*, traduzida do original francês, redigido por Louise Brayer de Saint Léon, em 1804, constituindo-se um tipo de novela dos sentidos que alcançou grande sucesso na Espanha, quando foi publicada, em 1814; *A filósofa por amor ou cartas de dous Amantes apaixonados e virtuosos*, publicada no Rio de Janeiro em 1810 pela Impressão Régia. Anteriormente, porém, foi criticada em Portugal, porque narrava a história de um jovem plebeu, Durval, que se apaixonou por uma mulher nobre, Adelaide, e pretendia desposá-la. Naquela ocasião, o gênero romanesco não era bem visto pelas elites, pois podia ser tomado como conduta por seus leitores. Assim, segundo o parecerista português Francisco Xavier de Oliveira, o que seria do mundo, caso se seguisse o exemplo dos protagonistas da novela? Perderia todo o sentido de hierarquia, inclusive, o sentimento de respeito à vontade paterna. Dessa forma, o enredo, sob sua visão, continha perigosos desvios morais, religiosos e políticos. Nesse último caso, associava os amores de Durval e Adelaide aos princípios da Revolução Francesa, percebendo-se na divulgação da história grande risco para o estado de uma sociedade do Antigo Regime, na qual ainda se inseria Portugal. Outro parecer, no entanto, foi dado, permitindo a publicação da novela.²⁹ Demonstrava-se, assim, a importância que a leitura das novelas começava a assumir para o público feminino.

Ainda nos anúncios de jornais, apareciam outros tipos de obras em francês, ou traduzidas deste para o português, ligados às Belas Letras: poemas, como *Les Jardins L’art d’embellir les paysages*. Poème en quatre chants de Jacques Dellile (1738-1813); Correspondências, como *Lettres Originales* de Mirabeau (1749-1791); contos, como *Palemon ou efeitos da saudade*: conto pastoral, composto na língua francesa por Jean-François Marmontel (1723-1799) e traduzido em vulgar por uma senhora portuguesa.

Outra indicação curiosa em seus anúncios nos periódicos foi a publicação de uma Biblioteca Juvenil, que saiu em oito fascículos, entre maio e novembro de 1826. Cada número era formado por um conto, ao módico preço de 80 réis. Basicamente, eram obras traduzidas do francês de autoria de Charles Perrault (1628-1703). Eram extraídas das *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, que ficaram conhecidas por seu subtítulo: *Contos da mamãe gansa*. Na coleção aqui publicada apareceram: *Gato de Botas*, *Barba Azul*, *História da Belle Dormante*; *História da*

Cenerentola (baseada no conto de fadas *Cinderela*), *Polegarzinho* (*O Pequeno Polegar*) e uma *História verídica de Riqueto* que, provavelmente, era o conto de Perrault *Riquet à la houppe*. Tal publicação deve ter sido sucesso de vendas, uma vez que dois anos depois, em 1828, foram reimpressos os primeiros volumes da Biblioteca Juvenil.³⁰

Ainda pode ser encontrada outra forma de propaganda de Bompard, por meio de um aviso ao público, impresso em folha avulsa, em que se anunciava a venda por 1\$000, em sua loja e nas de alguns outros livreiros do Rio de Janeiro, do *Diálogo Constitucional Brasiliense*, ou a *Constituição Política do Império*, literalmente reduzida a um Catecismo, anotado respectivamente com a íntegra da Lei, que prescreve a fórmula do Ato Solene do Reconhecimento dos Sucessores do Trono do Império.³¹

Sem dúvida, é o Catálogo de sua livraria datado de 1825, que se encontra hoje na Biblioteca Nacional³², o principal instrumento que permite analisar a variedade de obras que Bompard oferecia em seu estabelecimento a seus fregueses. Trata-se de uma cópia manuscrita, uma espécie de levantamento dos livros que deviam existir em sua livraria.³³ O número de títulos totaliza 4305. Sem dúvida, uma quantidade bastante extraordinária para a época, especialmente no Brasil, onde a maioria da população era iletrada. Comparando-se com o catálogo de outro importante livreiro francês, o já citado Pierre Plancher, analisado pelo historiador brasileiro Marco Morel, pode-se verificar que este, em 1827, estampava 317 títulos. Certamente, esse catálogo de Plancher devia indicar apenas parte de seu estoque, o que não invalida a comparação e a constatação do elevado número de obras na livraria Bompard (MOREL, 2005, p. 36-40).

O catálogo de Bompard apresentava-se dividido da seguinte forma:

Tipo	volumes	%
Livros em francês	2245	52,1
Livros franceses de medicina	473	10,9
“Feuilletage français”	182	4,2
Livros em português	1282	29,7
Livros em espanhol	59	1,3
Livros em italiano	36	0,8
Didáticos de alemão	3	0,1
Mapas marítimos (em inglês)	13	0,3
Outros mapas marítimos	12	0,3
Total	4305	100

Como o catálogo de Pierre Plancher, a maioria dos livros de Bompard encontrava-se em língua francesa: 63% (incluindo-se os livros de medicina) e 67,20% do total, com os títulos que Bompard denominou de *feuilletage* em francês. Seguiam-se os livros em português (29,7%); com

menor expressividade, aqueles em espanhol, italiano, inglês e alemão. Estes últimos constituíam um dicionário, uma gramática e um texto traduzido para o alemão – *Robinson le Jeune*, um livro do século XVIII, de Joachim Heinrich Campe (1746-1818), escritor alemão, linguista, educador e editor.

Entre os livros mais importantes do catálogo escritos em português e em francês, encontram-se as obras de Belas Letras, que perfazem cerca de 33,20% do total dos títulos. Da mesma forma que nos periódicos, as novelas e os romances, tão lidos e divulgados na época, compunham uma parte expressiva das Belas Letras. Repetiam-se textos anunciados nos jornais, como *Maclovio e Frederico* ou *Os erros do amor e da filosofia ou o homem de duas mulheres*. No entanto, os títulos se ampliavam, havia no catálogo as mais conhecidas novelas e romances da época, como *Le Diable Boiteux*, de Alain-René Lesage (1688-1747), publicada originalmente em 1707; essa obra, aliás, circulou entre os leitores do mundo luso-brasileiro mesmo durante o período em que foi proibida pela censura. O sucesso da obra entre o público era confirmado, ao longo dos primeiros anos do século XIX, por meio de anúncios que informavam que “a novela tem encontrado geral aceitação”.³⁴ Ainda desse mesmo autor havia outros títulos: *Le Bachelier de Salamanque ou Memoires et Aventures de D. Cherubin de la Ronda* e a tradução em português e em francês de *História de Gil Blas. Paul et Virginie*, de Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), aparecia em edição original e em outra traduzida para o português. Este foi um dos romances mais lidos na França da segunda metade do século XVIII e que teve uma tradução publicada pela Impressão Régia, em 1811, com o título *Paulo e Virgínia: Historia fundada em factos traduzida em vulgar*.³⁵ A novela gozou de grande notoriedade também no Brasil, sendo citada por José de Alencar, décadas depois, em seu romance *Lucíola* (1862). Em *Helena* (1876), de Machado de Assis, a protagonista, cujo nome é o mesmo do título, conta a Estácio que pegara um romance de sua biblioteca, o qual ele supôs que fosse *Paulo e Virgínia*. Dessa passagem pode-se inferir que era possível que, aos olhos de um homem de posses medianas de fins do século XIX, tal livro fosse uma leitura presumivelmente de interesse feminino (MORAIS, 1945).

Outros títulos ainda eram apontados: as célebres cartas de *Heloïse et Abeilard ou les Victimes de l'Amour* (também oferecidas em português); *Choupana da Índia; Contes et Nouvelles en Vers* por la Fontaine (1691-1695); *Les Cent Vingt jours ou les Quatres Nouvelles* por Pigaut Le Brum (1753-1835), autor outrora proibido no mundo luso-brasileiro por seu escrito *Le Citateur* contra o Cristianismo, que se encontrava indicado no catálogo; *Julie ou la nouvelle Héloïse; Lettres de Deux Amans, habitans d'une petite ville au pied des Alpes* por Rousseau (1712-1778) e *Suite des Nouvelles* de Madame Isabelle de Montolieu (1751-1832), conhecida e popular novelista francesa, autora de *Caroline de Lichtfield* – um dos grandes sucessos de livraria que se estendeu até meados do século XIX – e incluída no Catálogo de Bompard, bem como a tradutora para o francês de outro

importante êxito literário – *Saint-Clair das Ilhas ou Os desterrados na Ilha da Barra* (MEYER). Indicava-se também *A História de dois amantes*, publicada na Impressão Régia pela primeira vez em 1811. Nesta, em sua capa, havia a informação de que se tratava de uma nova edição, vendida na Loja de Paulo Martin. Era um pequeno conto de 60 páginas, editado em um texto que se diferenciava daquele impresso em Portugal, em 1806, pela Tipografia Régia de Lisboa. A edição portuguesa continha 152 páginas e fora “traduzida e acomodada” por J.P.S.A., provavelmente, José Pedro de Souza Azevedo,³⁶ o mesmo tradutor da edição feita na América Portuguesa. O exemplar luso-brasileiro de 1811 é um recorte daquele publicado do outro lado do Atlântico.³⁷ Não há dados, porém, para precisar qual foi a edição anunciada por Bompard.

Cabe ainda ressaltar a relação de romances conhecidos que foram anunciados por livreiros diversos ao longo da 1ª metade do século XIX, demonstrando-se sua importância e sua popularidade junto ao público leitor. Afinal, o romance no oitocentos tornou-se popular, obteve sucesso, era vendido e lido. Em primeiro lugar, *Les Aventures de Télémaque* (também indicado no catálogo em tradução para o português), escrito por François Fénelon (1651-1715) para a educação do duque de Borgonha, neto de Luís XIV, e publicado em 1699. Fenélon retomou frases da *Odisséia* de Homero para construir uma narrativa da busca de Ulisses por Telêmaco. O trabalho, em verdade, transformou-se em um discurso de moral política para o futuro soberano. Aliás, segundo estudos de Márcia Abreu, esse livro foi o “*best seller* indiscutível” na cidade do Rio de Janeiro desde 1769 (ABREU, 2005, p. 131); constituiu, ademais, o romance mais presente na circulação livreira de Portugal para o Brasil e vice-versa.³⁸

As Mil e uma noites, uma coleção de histórias e contos populares originários do Oriente Médio, que foi compilada em língua árabe a partir do século IX e, posteriormente, traduzida para o francês no início do século XVIII, transformou-se em um clássico da literatura mundial.

Na linha de contos morais, as obras de François Marmontel (1723-1799): *A Caixinha*, *Belizaire* (também anunciada em português) e *Les Incas, ou la Destruction de l'Empire du Perou*. Podem-se citar também os trabalhos do escritor e ensaísta francês François-René Chateaubriand (1768-1848), como *Atala*. Não podia ainda faltar a importante obra de Samuel Richardson (1689-1761), *Pamella ou la vertu recompensée* (tradução francesa), que inaugurou no século XVIII o romance moderno. Tratava-se de um romance epistolar sobre a conduta do poder, mas foi considerado licencioso, especialmente nos países em que predominava a religião católica e que ainda se encontravam sob a tutela do Antigo Regime na época de sua publicação, em 1740.

Para atender ao gosto dos letrados mais refinados, como na melhor tradição das Luzes, na ótica de Peter Gay (1977, p. 72-126), acha-se também no catálogo um grande número de autores da antiguidade clássica, traduzidos para o francês; entre outros, *Les Poesies d'Horace (Quintus Horatius Flaccus, 65 a. C. – 8 a. C.)* traduzidas por R. P. Sanadone, com um exemplar traduzido

para o português; *Art d'Aimer*, poema de Ovidio (*Publius Ovidius Naso*, 43 a. C. – c.18 a. C.), cujas outras obras também eram encontradas em português, como *As metamorfoses*; *L'Illiade* e *L'Odissée*, d'Homère, traduzida do grego; *Oraisons Choies de Ciceron Latines et Françoises*; *Oeuvres de Virgile Latin et François* (*Publius Vergilius Maro*, 70 a. C. – 19 a.C.); e *Oeuvres de Sêneca* (*Lucius Annaeus Seneca*, 4 a. C. – 65).

Havia clássicos do humanismo, como os textos de Dante (1265-1321) *L'Enfer, Le Paradis et Le Purgatoire*; uma tradução em francês de alguns trechos da obra de Camões (1524-1580); e a conhecida obra de Miguel de Cervantes (1547-1616), *Histoire de Don Quixote*. Livros do classicismo francês, entre os quais sobressaíam Corneille (1606-1684), Racine (1639-1699) e Molière (1622-1673). Registra-se também a presença de textos de autores ingleses canônicos, como Shakespeare (1564-1616) e John Milton (1608-1674), anunciados em francês, como *Théâtre de Shakespeare* et *Paradis Perdue*, traduzidos por vários autores, inclusive por Racine.

Inúmeros eram os títulos de autores do século XVIII: Voltaire (1694-1788) – *Théâtre, Contes en Vers Satires et Poesies Melées, Henriade* (traduzida também para o português) e a célebre obra satírica e burlesca sobre Joana d'Arc, *La Pucelle d'Orleans*; Diderot (1713-1784) – *Théâtre, Jacques le Fataliste et son maître* e *La Religieuse*, este último, um romance escrito sob a forma de memórias; Claude-Prosper Jolyot de Crébillon (1707-1777, conhecido como Crébillon, filho), célebre autor dramático, membro da Academia Francesa – *Oeuvres*; J. Jacques Rousseau (1712-1778) – *Emile ou de l'Education* e *Lettre sur la Musique Française*; e, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), *Werther*, considerado marco inicial do romantismo.

Demonstrando também um espírito aberto para as novidades, havia em sua listagem *Works of Ossian* (*Ossian barde du 3^{eme} Siècle, Poésies Galliques*), de um suposto galês, ficticiamente traduzido por James MacPherson, em 1762, que despertou as sensibilidades proto-românticas do período.

As mulheres também se encontravam contempladas: Madame de Staël (1766-1817) – *De l'Allemagne; La Littérature; Lettres et Pensées du Maréchal Prince de Ligne*; Madame Adelaïde Dufrenoy (1765-1825) – *Elegies suivis des Poésies Diverses*; e Jeanne Marie Leprince de Beaumont (1711-1780), educadora francesa que escreveu *Le Magasin des Enfants, dialogues d'une sage gouvernante avec ses élèves*

Devem-se ressaltar ainda diversos dicionários, que totalizam o número de 30. Diversos eram os textos em língua francesa para tradução em outros idiomas, como espanhol, alemão, italiano e latim. Havia também um dicionário de sinônimos franceses. Fato curioso, não era encontrado nenhum dicionário em francês para a língua portuguesa, apenas um *Dicionário Francês e Português*, por Sousa e Sá e um *Dicionário Português Francês e Latino*, por Costa Sá. Comprovando que o século XVIII apreciava os dicionários, quando havia uma abundante oferta

editorial, encontram-se diversos textos daquele período em língua francesa sobre variados assuntos, como, por exemplo, *Dictionnaire des Femmes Célèbres*, *Dictionnaire contenant des Anecdotes Historiques de l' Amour*, *Dictionnaire Social et Patriotique ou précis raisonné de connoissances relatives à l'Économie Morale, Civique & Politique*, *Dictionnaire de Gens du Monde: historique, littéraire, critique, moral, physique, militaire, politique, caractéristique & social*, ou *Dictionnaire [portatif] des Faits [et dits] Mémorables [de l'Histoire Ancienne et Moderne]*.

Ainda eram numerosas as obras de retórica e eloquência, aspectos essenciais aos homens de letras do oitocentos, por exemplo: *Rhetoriqua Regra da Eloquencia* por Gilbert, *Essai sur l'Eloquence de la Chaire Panegyriques, Eloge et Discours* par Jean Sifrein Maury (1746-1817).

Apenas a título de curiosidade, havia um *Annales Maç... dédiées à son altesse sérénissime Le Prince Cambacérès, Archi-Chancelier de l'Empire*, publicado Chez Caillot, em Paris. Tratava-se de uma espécie de gazeta trimestral da atualidade maçônica francesa que, mesmo estrangeira, publicava diversos discursos maçônicos, extratos do *Ensaio sobre as iniciações antigas e modernas* de Frère A. B. ou da *Mémoire sur la Maçonnerie* du Frère Boileau, bem como numerosas cantigas e canções. Tal publicação foi realizada entre 1807 e 1810, em 8 volumes que eram oferecidos naquele catálogo ao público leitor do Rio de Janeiro.

Pode-se afirmar pela leitura dos anúncios de jornais e do catálogo que Jean-Baptiste Bompard era um espírito curioso, que procurava oferecer em sua livraria um grande leque de opções ao público que habitava a Corte do Rio de Janeiro e, talvez, outras regiões próximas. Buscava atender um público especializado, composto por profissionais, como advogados, médicos, militares e clérigos.

Os acontecimentos indicam que ele passou a ser um notável na sociedade de Corte. Desse modo, fez executar seu retrato, em 1824, por Henrique José da Silva. Pode parecer curioso que, sendo francês, Bompard tenha escolhido justamente o português Henrique José da Silva. Este, além de ser lente de desenho, tornou-se o primeiro diretor da Escola de Belas Artes e teve diversas contendas com os artistas da “colônia Lebreton”, que vieram especificamente para estruturar a Escola (SCHWARCZ, 2008). Assim, surge a questão: por que não escolher seus conterrâneos franceses, inclusive, simpatizantes de Bonaparte como talvez ele próprio, para pintar seu quadro? Um dos motivos seria porque Henrique da Silva já pintara outros retratos de personagens ilustres, como o senador Rodrigues de Carvalho e o próprio Pedro I.

Apesar do sucesso de sua livraria, confirmado por seu extenso catálogo e pelas informações veiculadas em jornal, Bompard decidiu abandonar o Brasil em 1827. Os motivos? Segundo seus descendentes, conforme algumas correspondências, Bompard encontrava-se cansado do clima tropical. Também afirmam esses descendentes que ele fizera alguma fortuna no Brasil, provavelmente por estar envolvido com outros negócios além da livraria. Em verdade, Bompard

vendeu a livraria a outro conhecido livreiro do Rio de Janeiro, Evaristo da Veiga, que também foi político influente ao longo do Primeiro Reinado e das Regências (1831-1840), momento da minoridade de Pedro II. Pelos comentários daquela época, o valor da compra deve ter sido elevado, ainda não sendo possível precisar a quantia exata. Os inimigos políticos de Evaristo sempre faziam menção a uma quantia exorbitante. Mais tarde, no periódico *Aurora Fluminense*, que publicou por muitos anos (1827-1835), o próprio Evaristo da Veiga justificava tal aquisição:

Vamos à transação da compra da casa com que tanto se tem feito, e a que vem agora que aludiam várias expressões misteriosas da *Malagueta*. Compramos por 11 contos de réis a propriedade que habitamos, e de que seu dono pretendia desfazer-se, quando premeditou passar à Europa, assim como dispôs, então, de alguns outros prédios dentre os que possuía no Rio de Janeiro. Seria assombroso que um homem que negocia com homens há mais de 8 anos, que começou com algum capital herdado, que tem, além disso, os produtos do seu jornal e o estipêndio de Deputado, houvesse acumulado 11 contos de réis para comprar o edifício em que tem o seu estabelecimento?³⁹

Verifica-se, portanto, por meio dessa informação, que Bompard deve também ter tido bom êxito em seus negócios, pois possuía outros prédios e estabelecimentos no Rio de Janeiro. Ele regressou à França em 18 de abril de 1828, no navio Antonin, levando consigo livros de seu estabelecimento⁴⁰, seu retrato pintado, algumas recordações, a gravura de uma personagem, que foi atribuída por sua família como sendo Paulo Martin, como também madeira exótica para fazer móveis.

Ao chegar à França, casou-se em 1829 e adquiriu um prédio antigo no centro da cidade de Briançon, até hoje pertencente a sua família. Herdou ainda de seu pai, em 1818, um domínio no campo chamado La Vachère. Naquela área, onde ele residia sempre do final da primavera até o final do verão, desenvolveu sua atividade de apicultor, o que lhe valeu receber uma medalha do Ministro da Agricultura, em 1884.

Após seu retorno do Brasil, foi eleito membro do Conselho Municipal da cidade de Briançon. Morreu nesta cidade em 1890, com a idade de 93 anos, segundo seu registro de óbito⁴¹. Era considerado um *rentier*, que não mais se voltou para o mundo dos negócios, mas viveu de suas rendas, talvez adquiridas, essencialmente, no outro lado do Atlântico.

* * *

A análise das obras de Belas Letras da Livraria de Jean-Baptiste Bompard e de sua trajetória no Rio de Janeiro, entre 1818 e 1828, serve, à guisa de conclusão, para destacar alguns aspectos das práticas culturais e editoriais do período. Em primeiro lugar, embora não se disponha de dados concretos, parece evidente a existência de um público consumidor bem superior ao que reconhece a

historiografia mais clássica, baseada exclusivamente em relatos de viajantes. Público este formado por uma elite educada, com certeza, sob as Luzes portuguesas, que crescera bastante com a transferência da Corte para a América portuguesa, mas cuja autonomia intelectual mostra-se bem mais difícil de avaliar. De qualquer forma, a existência de uma livraria com tantos títulos diversificados e em número bastante elevado pode comprovar esse comércio atrativo. Deve-se destacar que havia uma preocupação do livreiro em atender não apenas um público especializado, mas também novas personagens desse público: as mulheres, por meio das novelas, e os jovens, oferecendo a Biblioteca Juvenil.

Em segundo, a análise dos laços familiares e de negócios entre os Bompard, os Martin e os Borel, todos oriundos da pequena Briançon, confirmam a rede de solidariedade que se estabelecia entre esses homens que tratavam dos livros. Certamente, não apenas por ligação afetiva, mas pelo poder do dinheiro que envolvia tais questões, levando a casamentos que uniam famílias e consolidavam as livrarias mais importantes de muitas cidades, como a do Rio de Janeiro e as de Lisboa.

Em terceiro, essa personagem – Jean-Baptiste Bompard – livreiro francês no Rio de Janeiro, foi, além de um importante negociante, um “transmissor cultural ativo⁴²” que contribuiu para a circulação de ideias entre o Brasil e os países do outro lado do Atlântico, indicando a existência dos diversos intercâmbios culturais ocorridos naquele momento e também ao longo da primeira metade do século XIX. Nesse sentido, contribuiu para o papel atribuído aos livros, que possibilitavam que as ideias se transformassem em mercadoria e constituíssem ideologias. Permitiu assim o encontro de duas civilizações, algumas vezes em um só sentido, pois divulgou mais a França no Brasil, havendo certo descompasso e desencontro entre os dois povos.

Se esse ilustre, mas ainda pouco conhecido, livreiro Bompard possibilitou a circulação de importantes livros da literatura francesa e, por conseguinte, de sua cultura no Brasil, ao partir e retornar a sua terra natal ele levou consigo hábitos, objetos e lembranças da terra que o acolheu em um momento de sua vida: os móveis de sua casa em Briançon foram feitos com “madeiras exóticas” que levava dos trópicos; entre 1834 e 1854, dedicou-se à confecção de tapeçarias, cujos motivos representavam lembranças de sua vida no Rio de Janeiro. Por fim, ficou conhecido em sua cidade como Bompard, *le brésilien*. Era uma maneira de preservar a memória desta aventura entre a França e o Brasil.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. **Caminhos dos Livros**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/ ALB/ Fapesp, 2003.

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987.

BONNANT, G. Les libraires du Portugal ao [sic] XVIII^e siècle vus à travers leurs relations d'affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel. **Arquivo da Bibliografia Portuguesa**. Coimbra, 21-22 (6): 195-200, jan-juin 1960.

CAIEIRO, F. da Gama. Livros e livreiros franceses em Lisboa, nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX. In: _____. **Dispersos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000. v. 2, p. 133-156.

CATÁLOGO das obras impressas no Rio de Janeiro e que se acham à venda em Lisboa na loja de Paulo Martin e Filhos. Lisboa: Oficina da Viuva Neves e Filhos, 1812, 2f.

CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (dir.). **Histoire de l'édition française**. Le livre triomphant (1660-1830). Paris: Fayard/Cercle de la Librairie, 1990.

COOPER-RICHET, Diana, Jean-Yves Mollier & Ahmed Silem (orgs.). **Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe: XIX^e e XX^e siècle**. Villeurbanne: E.N.S.S.I.B., 2005.

CURTO, Diogo Ramada; DOMINGOS, Manuela et al. **As gentes do livro, Lisboa, século XVIII**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.

DIÁRIO do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro

GAY, Peter. **The Enlightenment: An Interpretation**. The Rise of Modern Paganism. New York: Norton, 1977.

GAZETA do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (Sua história)**. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1985.

LEITE, José Guilherme Reis. **Para uma leitura da Corografia Açórica de João Soares d'Albergaria de Sousa**. Universidade dos Açores, 1983. Disponível em [http://repositorio.uac.pt/bitstream/...3/.../ JoseGuilhermeReisLeite_p279-317.pdf](http://repositorio.uac.pt/bitstream/...3/.../JoseGuilhermeReisLeite_p279-317.pdf). Acesso em 30 abr 2013.

MACHADO, Ubiratan Machado. **História das livrarias cariocas**. São Paulo: Edusp, 2012.

MEYER, Marlyse. O que é, ou quem foi Saint Clair das Ilhas? **Revista Acervo**. **Arquivo Nacional**. Disponível em http://143.107.31.231/Acervo_Imagens/Revista/REV014/Media/REV14-04.pdf. Acesso em 01 mai 2013.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. **Cadernos CEDES**, Campinas, 19(45): Jul. 1998 - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005. Acesso em 30 nov 2012.

MOREL, Marco. **As transformações dos Espaços Públicos**. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. Impressores e Livreiros: Brasil, Portugal e França, ideias, cultura e poder nos primeiros anos do oitocentos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 171(451): 231-256, abr/jun 2011.

O SPECTADOR Brasileiro. Rio de Janeiro.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Sol do Brasil**: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na Corte de D. João (1816-1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Tip. de M. P. de Lacerdina, 1813. [Ed. fac-simile: Rio de Janeiro, 1922], v. 2.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Editora Itapuã, 1969.

VILLALTA, Luiz Carlos. A Censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822). In: Márcia Abreu (org.). **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2005.

Notas

¹ Na aldeia de Le Bez, o forno comunitário foi utilizado entre 1712-1989.

² Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Doravante ANTT). Real Mesa Censória. Exame dos livros para saírem do Reino para o Rio de Janeiro, Caixa 153. Lisboa, 9 novembro 1795.

³ Correspondência particular de livreiros de São Paulo, no século XVIII, 1791. Microfilme do Arquivo particular de Francisco da Gama Caieiro. Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Cf. F. da Gama Caieiro, 'Livros e livreiros franceses em Lisboa, nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX'. In: _____. *Dispersos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000. v. 2, p. 133-156.

⁴ Para as expressões, ver *Gazeta do Rio de Janeiro*, nº 5, 17 janeiro 1810, nº 7, 05 Outubro 1808 e nº 10, 15 outubro 1808, respectivamente.

⁵ Essa visão esteve ancorada em alguns relatos de época – como o de Luís dos Santos Marrocos, bibliotecário real, que, em carta a seu pai, em 1813, afirmava que se fazia “pouco negócio de livros” e que havia apenas dois livreiros no Rio de Janeiro, ou em notícias de viajantes, como a de Theodor von Leithold que, em 1819, chegou a afirmar que não havia livreiros, apesar de se encontrarem comerciantes de gravuras.

⁶ Estas informações foram obtidas por meio de documentos dos Archives Départementales des Hautes-Alpes, cedidos gentilmente por Jean-Jacques Bompard, descendente do livreiro Jean-Baptiste Bompard.

⁷ Arquivo Histórico Ultramarino. Códice 808, Passaportes 1798-1806, fl. 54.

⁸ *Catálogo das obras impressas no Rio de Janeiro e que se acham à venda em Lisboa na loja de Paulo Martin e Filhos*. Lisboa: Oficina da Viuva Neves e Filhos, 1812, 2f.

⁹ *Jornal de Coimbra*, n. 11, novembro de 1812.

¹⁰ Almanaque do Rio de Janeiro para o ano de 1811. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 282:230, jan-mar 1969. *Notícia de algumas obras modernas e constitucionais chegadas modernamente à loja de Paulo Martin, rua da Quitanda nº 33*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, [1821]. 1 f. *Catálogo de algumas obras que se vendem na loja de Paulo Martin, rua da Quitanda nº 33, vindas neste último navio de Lisboa*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, [1822]. 1 f. Para a impressão de obras, ver Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Mesa do Desembargo do Paço. Caixa 171, pac. 3, doc. 39, 1819. Para a opinião de Rubens Borba de Moraes, ver Idem. *O bibliófilo aprendiz*. 3ª ed., Brasília/Rio de Janeiro: Briquet de Lemos/ Livros/Casa da Palavra, 1998. p. 191-192.

¹¹ Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro. Divisão de Manuscritos. 14, 3, 12. Decretos de Mercês (1816-1819).

¹² Para tais atividades, ver Lucia Maria Bastos Pereira das Neves, “Impressores e Livreiros: Brasil, Portugal e França, ideias, cultura e poder nos primeiros anos do oitocentos”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 171(451): 231-256, abril/junho de 2011.

¹³ Para recrutamentos forçados dos jovens estudantes nas aulas régias, ver Luís dos Santos Vilhena. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Editora Itapuã, 1969, v. 1, p. 279. Cf. ainda Anita Correia Lima de Almeida. *A República das Letras na Corte da América portuguesa: a Reforma dos Estudos Menores no Rio de Janeiro Setecentista*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995, p. 131.

¹⁴ Arquivo Nacional. Intendência da Polícia. Registro de Estrangeiros.

¹⁵ “Plancher, Impressor, Livreiro estabelecido na Rua dos Ourives nº 60, participa ao público que ele compra todos os livros em segunda mão, que se acharem usados, as pessoas que os tiverem podem-se dirigir no lugar indicado”. *Diário do Rio de Janeiro*, 31 de março de 1824.

¹⁶ Tratava-se de Benito Jerónimo Feijoo, que foi um influente polígrafo, ensaísta e filósofo espanhol, considerado uma das figuras literárias mais importantes da Espanha do século XVIII e um dos primeiros defensores do Iluminismo na Península Ibérica. A obra, talvez, fosse o *Teatro Crítico Universal* (1726-1739). Cf. *Diário do Rio de Janeiro*, 20 de setembro de 1825.

¹⁷ Ubiratan Machado. *História das livrarias cariocas ...* p. 46. Para os anúncios, cf. *Diário do Rio de Janeiro*, respectivamente, 18 de agosto de 1825, 4 de dezembro de 1825 e 11 de outubro de 1824. Para a última citação ver *Diário do Rio de Janeiro*, 3 de outubro de 1825.

¹⁸ *Diário do Rio de Janeiro*, 25 de agosto de 1826.

¹⁹ ANTT. Lista de livros que Martin Irmãos mandaram para o Brasil em 1827/1828.

²⁰ *O Spectador Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 43, 8 de outubro de 1824.

²¹ *O Spectador Brasileiro*. Rio de Janeiro, anúncios diversos entre setembro e outubro de 1825.

²² *O Spectador Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 31, 10 de setembro de 1824.

²³ Lisboa: Impressão de João Nunes Esteves, 1822. Rafeiro era um cão de casta que serve para guardar o gado, mas em sentido figurado, significa aquele que se deleita em divulgar escândalos.

²⁴ Utilizou-se para definir a categoria de Belas Letras, a classificação da Biblioteca do Conde da Barca. Cf. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Divisão de Manuscritos. 19,4,4. Catálogo dos Livros da Biblioteca do Conde da Barca em 1818. Nessa categoria, incluíam textos relacionados a gramáticas, dicionários, retórica sacra e profana, poesia, teatro, fábulas, apologias, contos, novelas, romances, sátiras, críticas, provérbios e correspondências.

²⁵ Ao contrário do sucedido na Inglaterra, em Portugal e no Brasil, o uso da denominação *novelas, contos e romances* era utilizado sem muita diferença. Constata-se que nos anúncios de periódicos, há o predomínio da denominação *novela*. Segundo o dicionarista Antonio Moraes e Silva, *novela* era “um conto fabuloso de sucessos entre homens, para se dar instrução moral: patranha, coisa fabulada, inventada”. Igualmente, *conto* é “história fabulosa”. Cf. Antonio de Moraes Silva. *Dicionário ...* p. 349. Para o verbete *conto*, ver v. 1, p. 459. Por conseguinte, nos primeiros anos do século XIX, “novela, conto e romance eram, portanto, equivalentes, tendo todos caráter fabuloso, inexistindo preocupações formais que pudessem precisar diferenças internas aos gêneros”. Ver Márcia Abreu. *Caminhos dos Livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/ ALB/ Fapesp, 2003, p. 265-266.

²⁶ Rubens Borba de Moraes. “A Impressão régia do Rio de Janeiro. Origens e Produção”. In: Ana Maria de A. Camargo & Rubens Borba de Moraes. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edusp/Livraria Kosmos Editora, 1993. v.1, p. XXIX. Para as novelas do início do século XIX ver Lucia Maria Bastos P. Neves & Luiz Carlos Villalta (orgs.). *Quatro Novelas em tempos de D. João*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

²⁷ Lucia Maria Bastos P. Neves. *Comércio de livros e censura de idéias: a atividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822)*. *Ler História*. Lisboa, 23:61-78, 1993; Luiz Carlos Villalta. A Censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822). In: Márcia Abreu (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2005, p. 161-182.

²⁸ *Diário do Rio de Janeiro*, 7 de janeiro de 1825.

²⁹ Para o parecer de Francisco Xavier de Oliveira, ver ANTT. Desembargo do Paço. Real Mesa Censória. Caixa 109, 27 de abril de 1805. Ver também Márcia Abreu. O controle à publicação de livros nos séculos XVIII e XIX: uma outra visão da censura. *Revista Fênix. Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, nº 4, out-nov-dez. 2007. Disponível em http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_02-Marcia_Abreu.pdf. Acesso em 10 out 2012.

³⁰ Para o anúncio da venda da Biblioteca Juvenil, cf. *Diário do Rio de Janeiro*, nos meses de maio, julho, agosto e novembro de 1826. O anúncio da reimpressão saiu no mesmo jornal em 9 de setembro de 1828.

³¹ Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras. 102, 5, 220: Aviso ao publico [propaganda das lojas de livros de Veiga, Bompard, Baptista dos Santos e na de papel de Coutinho e Agra].

³² Biblioteca Nacional – Divisão de Manuscritos. 14, 1, 15. Catálogo de livros portugueses, franceses, italianos, alemães e espanhóis de João Baptista Bompard [sic], 1825.

³³ Na opinião de seu descendente, Jean-Jacques Bompard, trata-se de uma cópia feita pelo próprio livreiro Bompard.

³⁴ Cf. por exemplo, *Gazeta do Rio de Janeiro*, nº55, 10 de julho de 1811.

³⁵ [Bernardin de Saint-Pierre]. *Paulo e Virginia*: história fundada em factos, traduzida em vulgar. Nova Edição. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811, p. 8-9 (www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca - Acesso jan. 2008. Sobre este assunto, veja: Simone Cristina Mendonça de Souza. A prosa de ficção na Impressão Régia do Rio de Janeiro. Encontro Regional da ABRALIC 2007. Disponível em <file:///C:/Documents%20and%20Settings/usuario/Meus%20documentos/ArtigosAlheios/Aprosadefic%C3%A7%C3%A3onaImpR%C3%A9giadoRJSimone.htm>, p. 2. Acesso em 29 mai 2008. Cf. ainda, Ana Cristina Araújo. *A Cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p. 99 e Lucia Maria Bastos P. Neves & Luiz Carlos Villalta (orgs.). *Quatro Novelas em tempos de D. João ...*

³⁶ José Pedro de Souza Azevedo foi um dos deportados para os Açores no episódio da Setembrizada (setembro de 1810), por ter sido acusado de jacobinismo pela Regência do Reino português.

³⁷ A edição portuguesa apresenta como título *Templo de Jatab: coleção de memórias turcas* / traduzida e acomodada por J. P. S. A. Lisboa: Impressão Régia, 1806.

³⁸ Isso se deu nas remessas legais de livros de Portugal para o Rio de Janeiro, o Maranhão e o Pará, entre 1769 e 1800; naquelas procedentes de Portugal rumo à Bahia, entre 1769 e 1815, e nas que partiam de Portugal para o “Brasil” (denominação da caixa de documentos que reúne listas de livros encaminhados para várias partes do Brasil, muitas vezes não discriminadas) e do “Brasil” para Portugal, entre 1769 e 1821. Luiz Carlos Villalta, *A Censura, a circulação*, p. 175 e p. 177.

³⁹ *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro, nº 583, 25 de janeiro de 1832.

⁴⁰ Alguns desses livros – *Les Aventures de Télémaque* e obras diversas de De Pradt – encontram-se, ainda hoje, em posse da família de Bompard, sob a guarda de M. Jean-Jacques Bompard.

⁴¹ Archives Départementales des Hautes-Alpes. Briançon, 1890, 2E 24/32.

⁴² Para a expressão ver Diana Cooper-Richet. In: _____, Jean-Yves Mollier & Ahmed Silem (orgs.). *Passeurs culturels dans le monde des medias et de l'édition en Europe: XIX^e e XX^e siècle*. Villeurbanne: E.N.S.S.I.B., 2005.

Recebido em fevereiro/2013.

Aprovado em abril/2013.